

CULTURA SURDA: TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES DE RESISTÊNCIA

Claudionir Borges da Silva¹

No cenário contemporâneo, a dinâmica das relações sociais constitui territorializações, desterritorializações e reterritorializações. Este processo de configurações territorial expressa múltiplos territórios os quais necessitam serem analisados e conceituados, entre os quais, os territórios e territorialidades de resistência. Territorialidades de resistência são as configurações de grupos sociais que a partir da construção de uma identidade cultural lutam pela sua preservação em detrimento das tentativas de subordinação, ocultação ou assimilação pela cultura majoritária.

Nesta perspectiva, analiso as comunidades surdas, como exemplo de territorialidades e territórios de resistências como campo de forças à imposição da cultura ouvinte. O conceito de territórios e territorialidades de resistência é uma construção das referências apontadas por McLaren (1997) quando este discute a concepção de pós-modernismo de resistência, no qual a diferença é entendida como uma construção histórica e cultural que se manifesta mediante a contestação da imposição da cultura majoritária.

Defino aqui resistência, no sentido da comunidade surda manter viva a língua e a cultura surda contra a homogeneização cultural de dominação. Territorialidade, por expressar a constituição de grupo, de configuração de espaços materiais e imateriais mediados pelas relações de poder, ou conforme as palavras de Souza (2000, p. 86), o território é: “um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de suas complexidades internas, define ao mesmo tempo um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os insiders) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os outsiders²).

Para uma maior precisão do conceito de territórios e territorialidades de resistência faz-se necessário o aprofundamento de alguns conceitos que configuram agenciamentos. Utilizo o conceito de agenciamento conforme a concepção de Goodchild (1996)³ segundo o qual o mesmo é constituído por “um conjunto de partes conectadas que tem uma consistência”. Esta consistência a qual o autor se refere é resultante de conjunto de fatores

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Professor das redes municipais de ensino de Canoas-RS e Cachoeirinha-RS

²Grifos do autor.

³Citado por HAESBAERT (2004, p.117).

tanto de ordem natural como social até o âmbito do imaginário e da subjetividade. Enfim, elementos que comportam tanto, fixos como fluxos conforme a concepção de espaço de Milton Santos. Portanto, para discutir o conceito de território e territorialidades de resistência é necessário que se tenha presente conceitos como cultura, identidade e pertencimento. Nos próximos parágrafos, procurarei discutir, ainda que num processo provisório de discussão e análise, os conceitos de identidade e cultura.

Perlin (2001, p. 52) a partir do conceito de Hall (1997) comenta que as “identidades (são) plurais, múltiplas, que se transformam e que não são fixas, imóveis ou permanentes, que podem até mesmo ser contraditórias que não são algo pronto”. Diria ainda que esta identidade em movimento e em construção corresponderia ao que McLaren (1997, p.103) denomina como identidade de fronteira relacionada “ao fazer; ao engajamento em idéias e relações pelo conhecimento encenado e corporal”. O autor ainda comenta que as identidades configuram espaços intersubjetivos e interculturais que provocam “um deslocamento dos códigos de referência e uma montagem polivalente de novos significados culturais” (MCLAREN, 1997, p.147-8).

Em relação ao conceito de cultura e pelo fato de utilizar a comunidade surda como exemplo de territórios e territorialidades de resistência, aproprio-me dos conceitos de comunidade e cultura surda conforme a concepção de Sá (2002, p.125) segundo a qual:

[...] uma comunidade é um sistema social no qual um grupo de pessoas vive junto, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras” (PADDEN, 1988, p.2), já cultura é o campo de forças que gera a ordem do grupo. Uma comunidade surda, portanto, refere-se a um grupo de pessoas que estão envolvidas com a surdez – compartilhando interpretações, significados e representações – seja pelo fato de serem surdos, de serem parentes de surdos, de serem amigos de surdos, ou de serem profissionais que trabalham com surdos, cujo envolvimento se dá pela sensibilização para com as questões que envolvem os surdos – sua língua, sua cultura, seus direitos, seus saberes, sua luta, etc.

A comunidade surda, enquanto expressão de um campo de forças, compartilham concepções, configuram territórios e territorialidades em que a língua de sinais, enquanto expressão de comunicação e manifestação simbólica, coloca-se como elemento mais visível de identidade e de pertencimento na medida em que se manifesta pelo visual, pela gesticulação de sinais sendo, portanto o exemplo mais concreto de expressão cultural fazendo com que as pessoas que dela participam desenvolvam o sentimento de pertencimento enquanto parte integrante de uma comunidade.

A língua coloca-se como mediadora das construções de conhecimento de mundo estando estreitamente relacionada com a estrutura de pensamento, daí a língua constituir-se também como ideologia. Considerando que há interação mútua entre língua e pensamento e que a mesma desenvolve-se mediante a interação social, sendo, portanto um elemento importante de expressão do imaginário, é que a mesma coloca-se como elemento importante para a configuração de territórios e territorialidades. Mesmo porque, historicamente, houve períodos que foi proibida a sua utilização na educação de surdos⁴, pois se acreditava que o uso da mesma inibiria o desenvolvimento da oralização, daí a necessidade de ser banida. No âmbito educacional, as abordagens educacionais que priorizaram a oralização ficaram conhecidas, enquanto proposta pedagógica, como Oralismo para designar as propostas educativas que enfatizam a oralização em detrimento da construção outros de conhecimentos.

A proibição ocasionou a resistência dos surdos de preservar a língua utilizando-a em espaços que a vigilância ouvinte não estava presente como banheiros, associações de surdos e corredores de escolas. Portanto, processava-se territorialidades de resistência em relação à proibição do uso da língua de sinais.

Em vista disso, será abordado nos próximos parágrafos a espacialidade da Língua Brasileira de Sinais como uma língua cuja gramática processa-se no espaço o que acaba por configurar a construção de territórios e territorialidades.

Espacialidade e linguagem dos surdos: uma gramática no espaço⁵

O objetivo dos parágrafos que seguem é apresentar ao leitor apontamentos referentes à apropriação do espaço pelos surdos como forma de conhecimento de mundo⁶ e a espacialidade da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – cuja principal característica é a modalidade espaço-visual. Lingüistas, fonoaudiólogos, sociólogos, psicólogos e neurologistas, já constataram a apropriação diferenciada e aguçada dos surdos em relação ao espaço. Considerando que o espaço é o objeto de estudo da geografia, penso que está dado o convite aos geógrafos o estudo da utilização, apreensão e representação do espaço pelos surdos, cuja especificidade não se manifesta apenas na utilização lingüística do espaço, mas também na percepção e utilização do mesmo.

⁴Para exemplificar esta afirmação, é interessante citar a realização do Congresso de Milão ocorrido em 1880 em que uma das resoluções aprovada no Congresso foi a proibição do uso da língua de sinais nas escolas.

⁵ A análise sobre a espacialidade da língua de sinais constitui parte de minha dissertação de mestrado intitulada: Cenário armado, objetos situados: o ensino de Geografia na educação de surdos. Porto Alegre:UFRGS, 2003.

⁶ Considero conhecimento de mundo as experiências vivenciadas conforme o conceito de FREIRE, Alice Maria da Fonseca. Aquisição do português como segunda língua: uma proposta de currículo para o Instituto Nacional de Educação de Surdos. in: SCKLIAR, Carlos. (org.). **Atualidade da Educação Bilingüe para surdos**. v.2 Porto Alegre: Ed. Mediação, 1999.

Estudar a relação que os surdos estabelecem com o espaço pode proporcionar uma reflexão rica para geografia. Principalmente sobre a contextualidade, e a simultaneidade de eventos, características estas presentes na interação dos surdos com a realidade como um dos traços característicos da língua de sinais como também a expressão de territorialidades.

Inicialmente, apresentarei relatos e argumentos de autores como Quadros (1997) e Sacks (1990) sobre a percepção espacial dos surdos. Posteriormente, considerações sobre a linguagem espacializada da LIBRAS, mais especificamente sobre a idéia de espaço-tempo⁷ como instrumento de ensino da disciplina de Geografia em relação a utilização da leitura e escrita da língua portuguesa na educação de alunos surdos.

Quadros em seu livro, “Educação de Surdos: a aquisição da linguagem”,⁸ realiza uma comparação entre pesquisas feitas sobre a Língua Americana de Sinais – ASL – e as suas pesquisas sobre a LIBRAS em relação à aquisição e espacialidade da linguagem em crianças surdas. Ao citar Petitto e Marantette (1991), Quadros narra que estes autores pesquisaram o balbucio em bebês surdos e ouvintes e que o mesmo ocorre tanto em bebês surdos como ouvintes comprovando a capacidade inata para a linguagem cuja manifestação se dá tanto através de sons como em sinais até os 14 meses de idade. A partir deste momento, os bebês aprimoram o balbucio de acordo com sua modalidade: bebês surdos em gesticulação; bebês ouvintes em vocalização.

O estágio de desenvolvimento acima descrito corresponde ao Período Pré-lingüístico seguido pelo Estágio das Primeiras Combinações e o Estágio de Combinações Múltiplas. Não pretendo deter-me na análise dos estágios de desenvolvimento da linguagem, já que meu objetivo é apresentar argumentos que demonstrem a capacidade de apreensão e relação que os surdos estabelecem com o espaço. Apenas para que se tenha uma idéia geral sobre os estágios mencionados, diria que o Estágio das Primeiras Combinações de Sinais ocorrem aproximadamente aos dois anos de idade. Neste estágio, as crianças usam o sistema pronominal de forma ainda precária e não muito apropriada.

O Estágio de Múltiplas Combinações de Sinais começa, aproximadamente, aos dois anos e meio e três anos de idade ocorrendo neste estágio o que Quadros denomina como “explosão do vocabulário”. Interessa-me, particularmente, a referência à espacialidade a qual pode ser observada, conforme o seguinte comentário de Quadros:

Segundo Bellugi e Klima (1989), a criança surda ainda não usa os pronomes identificados espacialmente para referir-se às pessoas e

⁷ Entendo por espaço-tempo a coexistência e unidade do espaço, tempo e sociedade em influência recíproca entre espaço, tempo e ser social a partir de SOJA (1993, capítulos 2 e 6)

⁸ QUADROS, R. M. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1997.

aos objetos que não estejam fisicamente presentes. Ela usa substantivos não-associados com pontos no espaço. Mesmo quando a criança apresenta algumas tentativas de identificação de pontos no espaço, ela apresenta falhas de correspondência entre a pessoa e o ponto espacial. Com referentes presentes no discurso, já há o uso consistente do sistema pronominal (uso de indicações espaciais ostensivas). (QUADROS, 1997, p. 74)

Conforme a citação, a utilização do espaço para a comunicação começa a processar-se, embora de maneira inconsistente. Esta utilização remete-se sempre a referentes presentes. Esta característica de comunicação a referentes presentes indica uma das peculiaridades característica da experiência dos surdos em relação ao espaço: a capacidade de percepção apurada dos elementos presentes no espaço no momento em que se processam os eventos, ou seja, uma leitura contextualizada do espaço, sendo aqui entendida a palavra contextualizada como a manifestação do tempo e espaço configurando uma unidade de espaço-tempo.

Quadro 2 Aquisição da Indexação e da Estruturação Espacial na ASL

PERÍODOS	I (3:1-3:4)	II (3:6-3:11)	III (4:0-4:4)	IV (4:6-4:9)
Indexação	→ Infreqüente. Uso incorreto das formas de citação. Não há evidência de identidade dos pontos espaciais. Uso da concordância verbal com referentes presentes.	→ Pouca consistência no uso da indexação. Às vezes um ponto no espaço é usado para referência de um único referente durante o discurso.	→ Uso de múltiplos pontos espaciais. Há o uso da concordância verbal, mas evidenciavam-se inconsistência com os pontos estabelecidos.	→ Uso freqüente e consistente. Os pontos espaciais apresentam identidade, embora ainda haja confusões ao usá-los.
Estruturação Espacial	→ Estabelecimento de locais não é claro; não há evidência de organização espacial. A indexação não é usada com pontos no espaço.	→ Estabelecimento ocasional de locais; não há evidências de organização espacial. Os pontos são estabelecidos para contrastar, mas não para identificar o referente.	→ Estabelecimento de locais mais freqüentes, mas ainda com função contrastiva.	→ Estabelecimento freqüente de locais. Uso do ponto espacial de forma mais consistente com a indexação.

(QUADROS, 1997, p. 76)

A indicação de elementos não-presentes passa a ocorrer a partir dos três anos em que as “crianças **empilham** os referentes não-presentes em um único ponto do espaço” (QUADROS, 1997, p.74). Segundo Quadros, é por volta dos cinco e seis anos que as crianças deixam de **empilhar**⁹ os referentes em um único ponto passando a utilizar mais de um ponto e flexionam os verbos de forma adequada.

Quadros ainda apresenta a pesquisa sobre a Aquisição da Indexação e da Estruturação Espacial na ASL realizada por Loew (1980) em um quadro resumo o qual reproduzi (Quadro 2) com o intuito de reforçar o argumento do uso do espaço para leitura de mundo e construir significações e possibilidades comunicativas.

No quadro 2, foram “selecionados os itens sobre indexação (uso pronominal da apontação e a concordância verbal) e a estruturação espacial (envolve o estabelecimento do loc)” (QUADROS, 1997, p.75). Os números apresentados referem-se a anos e meses de idade das crianças pesquisadas.

Ainda sobre a questão da espacialidade, Quadros relata o projeto desenvolvido por Ahlgren (1994) na Suécia sobre a aquisição da língua de sinais para pais ouvintes e crianças surdas. Constatou que “as crianças surdas filhas de pais surdos freqüentemente *scaneed* (*perscrutam*)¹⁰ o ambiente em busca de informações novas e conseguiam fixar o olhar, diferentemente das crianças surdas de pais ouvintes” (QUADROS 1997, p.81).

Um outro autor que reforça a percepção diferenciada dos surdos sobre o espaço é Sacks (1990). Além de salientar que a comunicação dos surdos constitui-se no uso lingüístico do espaço, comprovado por pesquisadores da Língua de Sinais Americana – ASL – na década de 70, Sacks descreve o depoimento de Sarah Elizabeth que ao descobrir que sua filha Charlotte, aos 10 meses de idade, tinha uma surdez profunda, ela e seu marido empenharam-se em aprender o inglês sinalizado¹¹. Ao descobrir que o inglês sinalizado não era a forma comunicativa mais eficaz, Sarah Elizabeth começou a aprender a ASL. Eis seu depoimento:

[...] as elaboradas estruturas lineares do inglês falado não se traduzem numa linguagem de sinais interessante. Assim, tivemos de orientar a maneira como pensávamos para produzir frases visuais...É um prazer constatar que os sinais de Charlotte refletem padrões

⁹ Grifo da autora.

¹⁰ Grifos da autora.

¹¹ Inglês sinalizado é a utilização de sinais combinados com a estrutura da língua inglesa escrita. Assim como há o Inglês, há também o português sinalizado na sua língua escrita. O objetivo é facilitar a comunicação entre surdos e ouvintes, o que nem sempre ocorre. Muitas vezes para os surdos causa mais confusão e dificuldade de compreensão, sendo a língua de sinais ainda a mais indicada para comunicação.

visuais de pensamento. Somos levados a pensar de maneira diferente sobre objetos físicos, sua posição e movimento, por causa das expressões de Charlotte...” (SACKS, 1990, p.87)

Percebe-se no relato que os pais tiveram que “orientar” uma maneira diferente de pensar “os objetos físicos, posição e movimento” constituídos (e constituindo-se) no espaço. Objeto, posição e movimento constituem o que Milton Santos (1999) denomina como fixos e fluxos do espaço geográfico. Conforme Milton Santos, Fixos são os sistemas de objetos e os Fluxos os sistemas de ações. A partir destes conceitos, Santos propõe o estudo do espaço geográfico como “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ação que formam o espaço” (SANTOS, 1999, p.51).

Os surdos constroem significações e as utilizam para a comunicação, elementos do espaço tanto fixos (objeto, posição) como fluxos (movimento). Portanto, a três palavras citadas no relato de Sarah Elizabeth: objeto, posição, movimento expressam a interação dos surdos com o espaço a partir da sua capacidade visual de leitura de mundo. Esta interação objeto, posição, movimento remete ao conceito de espaço de Milton Santos enquanto referencial de reflexão sobre espaço e a utilização do mesmo pelo surdo a partir da sua percepção visual para construção de conhecimentos em sua experiência diária de estruturação de pensamentos visuais numa perspectiva de unicidade e reciprocidade mútua de fixos e fluxos, ou segundo Milton Santos, “no conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”.

Pensar a experiência viso-espacial dos surdos nesta perspectiva coloca-se como forma de refletir a análise e ensino de geografia para surdos em que os “fluxos visíveis e sem ruídos parecem ser a condição fundamental para a leitura de mundo dos surdos partindo da análise material sem a mediação pela linguagem oral e sim visual em que as significações constroem-se mediante a observação dos objetos e ações numa perspectiva interacionista de espaço, tempo e ser social”.¹²

Uma última observação de Sarah Elisabeth sobre Charlotte reforça a idéia da percepção apurada do espaço pelo surdo: “Todas as criaturas ou objetos de que Charlotte fala estão situados... Quando Charlotte sinaliza, o cenário inteiro é armado; pode-se ver onde tudo ou todos estão; é tudo visualizado com detalhes que seriam raros para os auditivos” (SACKS, 1990, p.90).

Estudos sobre a peculiaridade da percepção do espaço pelo surdo podem indicar metodologias de estudo sobre o espaço, o narrar e perceber o espaço como também referência para propostas pedagógicas de ensino para surdos. A fala de Charlotte dá conta

¹² Idéia construída a partir de diálogo com a Prof^a Dra Dirce Suetergaray, professora do Departamento de Geografia da UFRGS, sobre a experiência visual dos surdos.

do “cenário inteiro” com precisão dos objetos e de pessoas com a utilização do espaço para a comunicação, daí o sinal configurar-se em uma linguagem e uma gramática do espaço. Segundo Sacks, (1990, p.91) “é a gramática, acima de tudo, que torna possível uma linguagem, que permite articular nossos pensamentos, nossos eus, na manifestação”

QUADROS, em seu livro Educação de Surdos: a aquisição da linguagem, também relata, a partir de pesquisadores da espacialidade da ASL, as semelhanças em relação a LIBRAS sobre a linguagem e gramaticidade no espaço. Ao citar Siple (1978), comenta que na ASL a gramática se expressa concomitantemente com o sinal com a presença de dois aspectos: a “incorporação” usada, por exemplo, para expressar localização, número, pessoa – e o “uso de sinais não-manuais – como movimentos do corpo e expressões faciais” (QUADROS, 1997, p.49).

Dando continuidade à sua análise, Quadros (1997, p.51) menciona Bellugi, Vanltoeck, Lillo-Martin: estes autores concluíram que, tanto o sistema pronominal, como as concordâncias verbais são espacializados. Os autores citados utilizam o conceito de Determinante Nominal para “a associação dos referentes com um local no espaço”; “chamam de Local Referencial ou R-Local a associação de um referente com um ponto no espaço”.Quadros aponta uma semelhança em relação à LIBRAS: quando o referente está presente apenas aponta-se o dedo indicador; quando ausente a indicação é feita a um local espacial arbitrário do sinalizador.

O estabelecimento de locais específicos no espaço ocorre também com a narração de eventos passados: “se o sinalizador quiser descrever um evento passado e quiser contar algo relacionado a tal evento, ele estabelecerá um local no espaço, havendo relação entre os participantes, o tempo e o evento no local real”.(QUADROS, 1997, p. 56).

Quadros comenta que os verbos que são flexionados, possuem uma concordância espacial os quais ela conceitua como verbos de concordância. A indicação de locais de referência apresenta características semelhantes de indicação ao de sistema pronominal.

Comentei que a percepção viso-espacial do surdo deve ser utilizada como possibilidade para desenvolvimento de propostas educacionais. Esta potencialidade dos surdos vem de encontro a proposta de Vygotsky em concentrar a “atenção nas habilidades das crianças..que poderiam formar a base para desenvolvimento de suas capacidades integrais”¹³. Neste sentido, procurarei apresentar nos parágrafos que seguem, apontamentos sobre a espacialidade da língua de sinais como instrumento de aquisição da

¹³ LURIA, A. R. Vigotskii. in: VIGOTSKII, I.S.; LURIA, A. R. e LEONTIEV A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p.34.

língua escrita tendo como perspectiva a dificuldade que os alunos surdos têm com a mesma.

Ciccione, (1991) menciona que estudos realizados comprovam que a língua de sinais, assim como as línguas orais, processam-se no hemisfério esquerdo do cérebro, porém, de forma diferente, visto que a língua de sinais processa-se “no cérebro esquerdo do usuário, por uma organização espacial, ao invés de seqüencial como o que se dá no cérebro esquerdo do falante de uma língua oral”. A partir desta constatação, a autora, referendando-se em Sacks, afirma que os sinalizadores desenvolvem “uma maneira nova, extraordinariamente sofisticada, de tratamento do espaço: um novo tipo de espaço, que não tem equivalente em pessoas ouvintes”, daí esta espacialidade propiciar uma linguagem de sinais sofisticada, independente e diferente das línguas orais. Esta habilidade de processamento espacial do hemisfério esquerdo do cérebro diferencia-se do hemisfério direito não lingüístico e sim topográfico. Portanto, a espacialidade que se processa no hemisfério esquerdo é de natureza lingüística e não topográfica, pois requer a habilidade de:

[...] separar conjuntos de um fluxo contínuo de movimentos o que franqueia ao sinalizador uma espacialidade típica de seu modo espaço-visual lingüístico:- uma dada análise de movimentos. O que, analogamente, se dá de modo diverso na capacidade, de um ouvinte, para decompor e analisar, numa enunciação oral, um contínuo e sempre mutável padrão de sinais acústicos. E, aqui, explicita-se a questão do tempo como algo que pode ser tido como de simultaneidade de ocorrências nas línguas de sinais, enquanto que nas orais esse tempo se dá numa sucessão.

Ao citar Lúria, a autora enfatiza o caráter linear das línguas orais facilitado pela audição que estabelece o ordenamento e seqüência das palavras.

Kenski (1998) também nos traz a linearidade como uma característica da língua escrita. Ao citar Pierre Levy (1993), a autora caracteriza o conhecimento existente nas sociedades, em três formas diferentes: a oral, a escrita e a digital. Interessa para minha reflexão as duas primeiras, visto que a autora considera que tais linguagens criam uma concepção particular de espaço e tempo. Faço esta consideração, como reforço do argumento de Ciccione referente a especificidade da concepção espaço-temporal dos surdos. Kenski menciona que, no início do processo civilizatório, a presença e proximidade dos homens definiam o espaço da tribo e da cultura. A oralidade definia o espaço e a cultura dos homens. Portanto, de acordo com a autora, as sociedades orais caracterizavam-se pela repetição e circularidade.

Já nas sociedades escritas, as atividades agrícolas delimitam a ocupação do espaço, influenciam na criação e disposição da escrita. Se nas sociedades orais fazia-se necessária a presença dos sujeitos na interação comunicativa, nas sociedades de língua escrita esta necessidade deixa de ser fundamental visto que o tempo e a distância entre quem escreve e quem lê pode ocorrer em lugares e tempos muito diferenciados.

Voltando à agricultura como elemento influente na criação da escrita, Kenski afirma que a previsibilidade da agricultura influi também na forma seqüencial do espaço escrito e na disposição linear do que está sendo apresentado “a circularidade da sociedade oral antepõe-se a linearidade”, a autora cita Kerckhove como um dos estudiosos cuja preocupação é analisar como a linearidade e o direcionamento da escrita, da esquerda para a direita tem exercido influência na maneira de pensar do Ocidental: “Todos os sistemas escritos que representam sons (fonéticos) são escritos horizontalmente, mas todos que representam imagens, como os ideogramas chineses ou os hieróglifos egípcios, são escritos verticalmente...”

Percebe-se, no trabalho de Kenski, não só o reforço do argumento de linearidade da língua escrita como também indicações de diferenças existentes entre língua de sinais fonéticas e línguas que representam imagens.

Considerando que a LIBRAS constitui-se em uma linguagem espaço-visual, há que se considerar que os sujeitos usuários das línguas de sinais estabelecem uma relação e concepção diferenciada do espaço e tempo influenciando diretamente na organização de uma linguagem em que uma de suas características marcantes é a contextualidade, fato este, a ser observado para o ensino da língua escrita, já que esta se caracteriza pela linearidade. A mesma observação pode-se fazer em relação às línguas orais que, na modalidade de comunicação oral-auditiva, processa-se a simultaneidade, ao passo que o mesmo não ocorre com a língua escrita.

Como forma de estabelecer uma reflexão sobre as diferenças entre a língua escrita e língua de sinais, é oportuno apresentar citações de Kenski (1998) sobre os estudos de Kerckhove e as reflexões realizadas pela autora referentes a perspectiva espaço-temporal:

Em suas análises, Kerckhove considera que o processamento seqüencial, ordenado pelo tempo, observado na escrita alfabética, afeta a organização da linguagem e, por sua vez, a organização do pensamento. Segundo ele, a partir do momento em que aprendemos a ler, a escrita alfabética influencia nossa relação com o tempo e o espaço. Para os Ocidentais, por exemplo, o passado está sempre à esquerda e o futuro é o lugar para onde corre a escrita, para a

direita. A perspectiva espaço-temporal definida pela escrita influi no pensamento científico e na maneira como o homem ocidental apreende e se orienta no mundo. A escrita interiorizada como comportamento humano, interage com o pensamento libertando-o da obrigatoriedade de memorização permanente"... Desta forma, o tempo é compreendido em novas complexidades: o tempo vivido, o tempo recuperado na lembrança ou no relato escrito é o tempo perspectivo e espacialmente definido, simbolicamente direcionado da esquerda para a direita em direção ao alto, ao firmamento, ao desconhecido.

Dada a dificuldade dos surdos em interagir com a língua escrita visto que o acesso à mesma está relacionado com a oralidade, é que a perspectiva espaço-temporal dos surdos remete-se ao espaço-tempo vivido, contextualizado nas experiências diárias de relacionamento direto e presencial, daí sua especificidade de percepção com estas categorias.

É uma experiência de espaço-tempo sincronizado em que ambos constituem uma unidade de experiência e conhecimento de mundo. Isso não significa que nas línguas de sinais a linearidade esteja ausente. Karnopp menciona que as primeiras pesquisas realizadas sobre a linearidade e simultaneidade da ASL, nas décadas de 1960 e 1970, apontavam para seu caráter simultâneo como principal característica, enquanto que as línguas orais caracterizar-se-iam pela linearidade. Stokoe (1960) foi um dos autores que defendiam esta hipótese. No entanto, pesquisadores do final da década de 1970 e da década de 1980 constataram que "a ASL apresenta tanto estrutura seqüencial quanto simultânea em sua organização fonológica".¹⁴ Os autores que demonstraram esta perspectiva, segundo Karnopp, foram: Supalla e Newport (1978), Klima e Bellugi (1979), Padden (1983) e Liddell (1984).

Conforme vimos nos parágrafos anteriores, a característica linear e seqüencial como atributos das características humanas é uma construção histórico-cultural das línguas orais que influenciou a concepção de espaço e tempo através da influência da escrita na estruturação do pensamento. O que não significa que outras culturas como a cultura surda seja deficiente em relação à percepção de tempo linear e seqüencial, apenas que, esta percepção de espaço e tempo opera-se de maneira diferente com peculiaridades próprias da construção da linguagem e sua influência sobre o pensamento a partir da modalidade espaço-visual conforme apontam as últimas pesquisas sobre fonologia.

¹⁴KARNOPP, Lodenir B.; QUADROS, Ronice Miller. **Linguística Aplicada à Língua de Sinais Brasileira**. Porto Alegre: ArtMed. (no prelo).

Pesquisas recentes sobre as línguas de sinais, principalmente pesquisas desenvolvidas sobre a ASL, indicam que a linearidade e simultaneidade são características presentes tanto em línguas orais como em línguas de sinais. Nas primeiras, ambas características desenvolvem-se a partir da modalidade oral-auditiva, enquanto que nas segundas está relacionado com a modalidade espaço-visual, portanto relacionada com a espacialidade, visto que muitos autores, entre eles Quadros e Sacks e os respectivos autores por eles citados, a apontam como um elemento presente na língua de sinais.

Um outro fator a ser levado em consideração é que a experiência de tempo das línguas oral-auditivas constituiu-se em um processo histórico que vem se desenvolvendo há milhares de anos em que a linearidade e a seqüencialidade apresentam-se como elementos característicos da cultura cuja noção de tempo vem aprimorando-se de geração a geração.

Em contrapartida, a cultura surda tem se caracterizado por uma constante reconstrução e invenção de língua de sinais decorrentes da situação de “exílio” vivenciada por muitos surdos, fazendo com que inventem sinais para se comunicar. Sem acesso à língua oficial de sinais de seus respectivos países, desenvolvem sinais próprios impedidos de resgatarem historicamente a narração de experiências passadas de outros surdos na construção de identidade e cultura. No entanto, a experiência do tempo linear, seqüencial e contínuo desenvolve-se naturalmente a partir da perspectiva viso-espacial.

Além disso, o não desenvolvimento da linguagem acarreta problemas de desenvolvimento de potencialidades, entre elas, a noção de tempo, pois o desenvolvimento da mesma está estreitamente relacionado com o desenvolvimento das estruturas de pensamento, ou seja, não é a surdez que provoca dificuldades de noção de tempo e sim a ausência ou ineficácia de estratégias para o desenvolvimento da linguagem.

Vigotsky afirmou que o pensamento processa-se independentemente da linguagem, mas o desenvolvimento da linguagem influi no desenvolvimento do pensamento e este de forma recíproca em relação à linguagem. A perspectiva de Vigotsky reforça o argumento de que a falta ou precariedade de desenvolvimento da linguagem é que compromete o desenvolvimento das estruturas de pensamento e conseqüentemente a noção de tempo.

Nunca é demais salientar, que há pesquisadores investigando a linearidade e seqüencialidade nas línguas de sinais. Sacks comenta que pesquisadores da ASL, (Scott Liddell, Robert Johnson) passaram a desenvolver, a partir da década de 80, pesquisas sobre a utilização do tempo em língua de sinais. Sacks menciona Stokoe e o que considerou como as “a linguagem em quatro dimensões”:

A fala só tem uma dimensão – sua extensão no tempo; a escrita tem duas dimensões; modelos têm três; mas apenas as linguagens

sinalizadas têm à sua disposição quatro dimensões – as três dimensões espaciais acessíveis ao corpo de um sinalizador e mais a dimensão do tempo. E Sinal explora plenamente as possibilidades sintáticas em seu canal de expressão quadridimensional (SACKS, 1990, p.106).

Importante também não esquecer que a habilidade com o uso do espaço como referencial lingüístico difere também entre os surdos. Digo isso para desmistificar a idéia de habilidades homogêneas entre surdos, pois há heterogeneidade de características e habilidades, fruto da experiência particular, singular de cada um na interação com as condições materiais e imateriais nas relações com os agentes sociais. Para provar esta afirmação, basta pensar em surdos congênitos e surdos com surdez adquirida.

Um surdo congênito, por não ter experiência auditiva, interage desde o nascimento única e exclusivamente com o espaço como referência de construção lingüística, daí a construção de uma linguagem espacializada mais complexa em detrimento de um surdo com surdez adquirida que, por ter tido experiência auditiva, utilizou-a como referência de construção de linguagem. Neste caso a experiência de leitura espacial não se dá na mesma intensidade que um surdo congênito. Esta passa a ser desenvolvida a partir do momento em que o indivíduo deixa de ter a audição como referência comunicativa.

Tive a intenção de demonstrar neste texto a peculiaridade de utilização espacial pelos surdos como uma relação mais intensa e aprimorada de leitura espacial com uma profundidade desconhecida pelos ouvintes. Esta profundidade de apreensão espacial pode ser objeto de estudo dos geógrafos enquanto pesquisadores do espaço como agente de transformação social. O conceito de espaço geográfico de Milton Santos como um conjunto interligado de fixos e fluxos colocam-se como referência teórica e metodológica para o estudo do uso, da percepção e utilização do espaço pelos surdos. Teórica por constituir um conceito de espaço, metodológica por indicar os objetos (fixos) e o movimento (fluxos) como objetos e instrumentos de análise.

No caso dos surdos em que o espaço é o meio de comunicação e de construção de linguagem, fixos e fluxos colocam-se como instrumento metodológico no qual o surdo observa o movimento sem ruído e os objetos situados e posicionados. Metodologia cuja aplicação deve ser pensada, particularmente, em relação a contextualidade, constituída pela interação recíproca entre espaço e tempo como elementos que exercem força um sobre o outro sem que haja uma supremacia do tempo sobre o espaço expressos no conceito de espaço-tempo.

A reflexão sobre a relação entre tempo e espaço como constituintes de uma unidade expressa no conceito espaço-tempo objetiva o estudo da apreensão do espaço pelos

surdos, dada à característica dos surdos de lidarem com a simultaneidade de tempo e espaço para construção de conhecimento de mundo no sentido de minimizar a supervalorização do tempo dado pela cultura ouvinte ocidental em detrimento do espaço para análise e construção de conhecimento.

Em tempos de globalização, a atenção ao espaço como elemento de produção e reprodução das relações sociais coloca-se como fundamental. Estudos de culturas que o utilizam de forma mais intensa poderá contribuir na elaboração teórica da análise do espaço e sua relação com o tempo numa perspectiva de influência recíproca formadora de uma unidade a qual denominei de espaço-tempo.

Fixos e fluxos também podem ser referências norteadoras para elaboração de propostas de ensino de geografia como instrumento de análise e conhecimento do espaço geográfico. Pensar o espaço geográfico como a expressão interativa de fixos e fluxos podem contribuir para uma compreensão mais aprofundada do espaço e de seus elementos formadores do espaço geográfico todos relacionados com a ação humana e com as relações sociais de produção e disputa por hegemonia de poder: paisagem, região, espaço, tempo, território e ser social.

Trabalhar com estes conceitos como elementos basilizadores para análise e compreensão do espaço, significa também relacionar a estes conceitos os fluxos e fixos, significa estudar metodologias de aproximação das experiências culturais de surdos e ouvintes em relação ao tempo e espaço nas manifestações características de cada uma das experiências culturais. Desta forma, estabelece-se uma aproximação de convívio e respeito de diferenças culturais e a reflexão de como cada uma das culturas pode tentar apropriar-se da experiência da outra.

Penso que esta aproximação deve partir das referências teóricas e metodológicas de apropriação de conhecimento social com ênfase, no exemplo citado referente à noção de tempo, nas peculiaridades das respectivas modalidades lingüísticas, tanto a oral-auditiva como a viso-espacial de apreensão de tempo linear e seqüencial.

Para finalizar, os territórios e territorialidades de resistência das comunidades surdas expressam-se principalmente pelo direito de utilização da língua de sinais que por muitas vezes, no decorrer do processo histórico e ainda nos dias de hoje foi e continua sendo discrimina, daí a luta das comunidades surdas pelo reconhecimento e pelo direito ao uso da língua configurando o que aqui foi denominado como territórios e territorialidades de resistência.

REFERÊNCIAS

- CICCONE, M. Marta. A linearidade do português escrito e uma proposta bimodal numa pré-escola de surdos. In: **espaço: informativo técnico-científico do INES**. Rio de Janeiro: n° 6 (mar.1997).
- FREIRE, Alice Maria da Fonseca. Aquisição do português como segunda língua: uma proposta de currículo para o Instituto Nacional de Educação de Surdos. In: SKLIAR, Carlos (org.). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. v.2. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1999.
- HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- KARNOPP, Lodenir B; QUADROS, Ronice M. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos lingüísticos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- KENSKI, Vani Moreira. Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impacatos no trabalho docente. In: **Revista Brasileira de Educação**. Belo Horizonte: n° 8 (maio/ago. 1998).
- LURIA, A.R. Vigotskii. In: VIGOTSKII, L.S.; LURIA, A.R. e LEONTIEV A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- QUADROS, R.M. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: espaço e tempo: razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SKLIAR, Carlos (org.). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação. 1999.
- _____. **Educação e exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.
- SILVA, Claudionir B. **Cenário armado, objetos situados**: o ensino de Geografia na educação de surdos. Porto Alegre: UFRGS, (Dissertação de Mestrado), 2003.
- SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.